

Universidade Fernando Pessoa – 13 de Junho /2014

Maria do Carmo Castelo Branco de Sequeira

### **Símbolo / Contra-símbolo / Emblema – A figuração possível**

“Deus não tinha unidade  
Como a teria eu?”<sup>1</sup>

Palavra do Senhor... Fernando António Nogueira Pessoa

Começaria, se me permitem, por fazer uma espécie de intimação, pedindo emprestadas as palavras de Alberto Manguel, a propósito da *Epopéia de Gilgamesh*:

“Vós e eu, temos de entrar na cidade de Uruk e procurar nos seus alicerces uma caixa de cobre contendo as tabuinhas de lápis-lazúli onde está escrita a história de Gilgamesh”

Espero que me acompanhem e descubramos em conjunto as tabuinhas onde está escrita, não a história de Gilgamesh, mas a **não-história** de Fernando Pessoa, porque Fernando Pessoa não tinha, verdadeiramente, uma biografia, como, através de Alberto Caeiro, se apreçou a dizer-nos:

Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,  
Não há nada mais simples.  
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.  
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus...

Álvaro de Campos, não deixa de confirmar, falando do seu demiurgo: “Curioso é o caso de Fernando Pessoa que não existe, propriamente falando”<sup>2</sup>

E Bernardo Soares, acrescenta: “Nunca fui senão um vestígio e um simulacro de mim”<sup>3</sup>, ou ainda, “Sou em grande parte, a mesma prosa que escrevo. Desenrolo-me em períodos

---

<sup>1</sup>Pessoa, F. *Poesias Inéditas* (1919 – 1935). Lisboa. Ática. 1963:166

<sup>2</sup>Pizarro, J. e Cardillo, A. *Prosa de Álvaro de Campos*. Lisboa, Ática-Babel, 2012: 102

<sup>3</sup>Zénith, R. *Livro do Desassossego*. Lisboa, Assírio & Alvim. 2003: 129.



e parágrafos, faço-me pontuações, e, na distribuição desencadeada das imagens, visto-me, como as crianças, de rei, com papel de jornal...”<sup>4</sup>.

Se podemos duvidar da fala dos seus heterónimos (ou semi-), podemos igualmente ouvir a sua própria voz ortonímica no conhecido passo de *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*:

“Não sei quem sou, que alma tenho.  
Quando falo com sinceridade, não sei com que sinceridade falo. Sou variadamente outro do que um eu que não sei se existe (se é esses outros) (...). Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas...”<sup>5</sup>

2. **Assim**, de facto. Aos grandes escritores não é dado ter uma biografia. A sua biografia só pode verdadeiramente escrever-se com as letras que foram os seus escritos, mesmo quando não publicados em vida e somente tacteados depois da morte, e muito mais fortemente, como dizia Jorge de Sena (1982), e Laura Vernetti repete, quando não podemos falar só de Pessoa, mas de “Pessoa e C.ia (heteronímica)” Assim o declarará, em 1992, Octávio Paz:

“Os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia. A sua obra é a sua biografia. Pessoa que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que se fosse directamente aos seus poemas, esquecendo os incidentes e acidentes da sua existência terrestre (...) a sua história poderia reduzir-se à viagem entre a irrealidade da sua vida quotidiana e a realidade das suas ficções”<sup>6</sup>

**Assim** pretendem documentar esta verdade muitos dos mais edificantes **títulos** com que a crítica tentou delinear-lhe a sombra de uma vida, como são reveladores, o de Robert Bréchon, *Estranho Estrangeiro*, o do próprio Octávio Paz, *Fernando Pessoa o desconhecido de si mesmo*. o do estudo de Jorge de Sena (1977), *The man Who Never Was*<sup>7</sup>, ou outros em que o autor transforma o poeta em obra, como *Fernando Pessoa, o Poetodrama*, de José Augusto Seabra ou, no caso de José Gil<sup>8</sup>, quando dá a quatro ensaios seus o sugestivo título *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*.

<sup>4</sup> Sobral Cunha, T. *Livro do Desassossego*. Lisboa. Relógio d'Água.2013: 417

<sup>5</sup> Coelho, J. P. e Lind, G. R., org. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa, Ática, 1966:45

<sup>6</sup> *Fernando Pessoa, o Desconhecido de si mesmo*. Lisboa, Veja: 1992: 7

<sup>7</sup> Ensaio apresentado no colóquio de Providence em 1977.

<sup>8</sup> Gil, J. *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*. Lisboa, Relógio d'Água. 2010



**Assim**, a sua biografia (“sem factos”, como diria ainda Bernardo Soares<sup>9</sup>) parece estar apenas dispersa na sua poesia ou, genericamente, em todos os seus escritos, isto é, em toda essa “literatura que vai da bruma – para a bruma – pela bruma”, como ele próprio lhe definia o trajecto enevado, em carta a Mário Beirão<sup>10</sup> – literatura em boa verdade estendida às diversas autorias fictícias por ele criadas e configuradas, com todos os escolhos que isso acarreta para o leitor, sempre que este pretende entrar no labirinto, e depara com uma súpula de palavras e de seres imaginários onde tudo pode caber e nada se completa.

Será uma porta aberta? Só fictícia e temporalmente, já que essa porta se projecta, especularmente, sobre uma imagem vazia que podendo ser recriada multiplamente nas paredes do labirinto, sempre só contra elas bate, como acontecia (no hexágono simbólico de Jorge Luís Borges) com o bibliotecário imperfeito.... tantas vezes esquecido de que a biblioteca, podendo ser periódica, é sempre ilimitada, isto é, “como a areia, não tem princípio nem fim”<sup>11</sup>.

Talvez o próprio Pessoa, assim o pensasse desde sempre, ou, pelo menos desde uma nota, em inglês, de 1906, onde faz a simbiose entre o ser e a matemática:

Como se realiza o infinito? Infinitamente, pois não podemos conceber um limite para o número. Mas se, realizando-se, se realiza em si mesmo, o infinito, ao tornar-se num outro diferente, não sai de si, continua ele mesmo *no outro*.

Não é o infinito a *ideia* de número?

Ideia de número = ideia de pluralidade

A ideia é uma, a pluralidade é muitos. Na ideia de pluralidade, um = muitos”<sup>12</sup>

E assim o repete, por outras palavras e com outro ritmo, num poema de 17 de Dezembro de 1932, onde o “infinito” se transforma em “Antologia”, com ela se confundindo:

Eu sou uma antologia.  
Escrevo tão diversamente  
Que, pouca ou muita a valia  
Dos poemas, ninguém diria  
Que o poeta é um somente.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> “Invejo – mas não sei se invejo – aqueles de quem se pode escrever uma biografia, ou que podem escrever a própria. Nestas impressões sem nexos, nem desejo de nexos, narro indiferentemente a minha autobiografia sem factos, a minha história sem vida. São as minhas confissões. E se nelas nada digo, é que nada tenho que dizer” (*O livro do Desassossego*, ed. de Zénith, R. Assírio e Alvim. 2003:54)

<sup>10</sup> “Carta a Mário Beirão” de 01/02/1913, in Richard Zénith, ed. Lisboa. Assírio e Alvim. 2007:63

<sup>11</sup> Borges, “O Livro de Areia”. *Obras Completas*, Círculo dos leitores, 1989. Vol III, p.72

<sup>12</sup> Martins, Fernando Cabral e Zénith, R. *Teoria da heteronímia*. Lisboa. Assírio e Alvim. 2012: 115

<sup>13</sup> Em Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari, epígrafe inicial a *Eu sou uma Antologia*, Lisboa, Tinta da China.



A dispersão para a heteronímia é, na verdade, o primeiro e mais importante sinal da ocultação, já que, pluralizando o sujeito poético, o impede de se fixar numa só escrita e, consequentemente, de ser captado como “**uno**” pelo leitor. Acresce ainda que a utilização de um efeito muito pessoano cobre a palavra com figuras semanticamente impossíveis de serem definitivamente agarradas (paradoxo, antítese, oxímoron), ou, em termos textuais, com aquilo que José Augusto Seabra classificou como heterotextualidade ou, seja, a transferência, para a lírica, do desejo do dramático, “figurando um outro drama: o poemodrama”<sup>14</sup>.

Desta forma, encontrar Pessoa ou ler a “extremada forma da poesia de Pessoa” contém aquele perigo que já em 1977, Eduardo Lourenço considerava “aventura sem nome próprio”<sup>15</sup>. É nesta aventura labiríntica (porque nunca o encontramos, quando tentamos percorrer os passos que ele, por nós, determina), que nós estamos aqui, neste dia, nesta hora, não por acaso, neste local, ONDE A SUA SOMBRA PARECE PERMANECER no vidro esfumado dos seus retratos.

3. No entanto, tem havido um constante esforço em fornecer-nos dados cronológicos e psíquicos sobre o autor: biograficamente estabelecidos, desde João Gaspar Simões; ou fotobiografados como os de Maria José de Lencastre<sup>16</sup>; ou mesmo fotocatalogados, como por Teresa Rita Lopes<sup>17</sup>; pesquisando e raciocinando sobre as suas origens hebraicas (como Daniel Serrão<sup>18</sup>), interpretando-o em termos neurológicos, como o fez António Damásio<sup>19</sup>, ou como ficcionalmente o encenou aqui (no Encontro, *Os Chapéus*

<sup>14</sup> Seabra, J. A. O Heterotexto Pessoa. Lisboa, Dinalivro:1985: 25

<sup>15</sup> Lourenço, E. Pessoa revisitado, 2ª edição. Lisboa, Moraes Editores. 1981: 23.

<sup>16</sup> Interessante lembrar aqui as fotografias que nela proliferam, mas sempre como meros acidentes no tempo e no espaço, duas delas, muito marcadas: a oferecida à tia Anica e a oferecida a Ophélia, de 1929, tirada no “Abel Pereira da Fonseca”, com a seguinte legenda /dedicatória: Fernando Pessoa em flagrante delírio”

<sup>17</sup> Lopes, T.R. (Livro – Catálogo, “Fernando Pessoa – Coração de Ninguém”. Fundação Calouste Gulbenkian. 1985, publicado em 1986).

<sup>18</sup> “Um chapéu que não é chapéu, é solidéu- Kippah”, UFP, 18 /10/12 (Congresso, *Os Chapéus Psicológicos de Pessoa*)”

<sup>19</sup> “A própria explicação que fez das suas criações contribuiu para o mito (da múltipla personalidade). A minha leitura de Pessoa e algum conhecimento do funcionamento do cérebro humano levam-me a duvidar da explicação redutora. Eu acredito que a mente prodigiosa de Fernando Pessoa inventou, com total controlo criativo, distintos autores, conteúdos e estilos; que a construção dos heterónimos de Pessoa foi deliberada, detalhada e tinha como objectivo apresentar, numa colossal tapeçaria, as observações que ele fazia sobre o seu próprio eu. E que um tal “eu” levou tempo a amadurecer e provocou bastante sofrimento no seu dono. Mas assim são os seres capazes de criação artística superior. Conhecimento, pura inteligência e determinação permitiram-lhe transformar um caso hercúleo de auto-análise numa das realizações mais singulares da literatura...”Damásio, A. “o caso Pessoa”, in Zénith, R. Coord. *Fernando Pessoa – o editor, o escritor e os seus leitores*, Lisboa. Fundação Gulbenkian. 2012: 46.



*Psicológicos de Pessoa*), o psiquiatra Manuel Esteves, inventando uma consulta a Bernardo Soares, apontando uma “lista de sintomas”, à procura de um diagnóstico; ou como o próprio poeta o tentou fazer, em 1907, fingindo-se um falso psiquiatra (Faustino Antunes) que simulando o suicídio de Pessoa, interrogou em carta um dos seus condiscípulos da High School de Durban (Clifford Geerds) sobre a opinião que tinham dele e sobre o seu comportamento social, intelectual<sup>20</sup>.

A carta (em rascunho) nunca deve ter seguido, mas, sob o mesmo nome, devem ter seguido duas outras cartas, não só para Geerds, como para o seu ex - professor de Inglês (Ernest Belcher), não falando de suicídio, mas de internamento, por motivos psiquiátricos, cartas de que obtive respostas conhecidas<sup>21</sup>.

Através ainda da escrita ou da biografia, do retrato ou da ilustração ficcional, como é o caso do desenho de Jorge Martins sobre a ficção, “Daisy” de José Sasportes, “Fernando Pessoa bebe com Ricardo Reis”, [texto disponibilizado], que prolonga, de certo modo, um retrato conhecido (Fernando Pessoa no, isolado, “flagrante delitro” que enviou a Ophélia), neste, e em todas outras tentativas de representação, é visível a intenção de expressar/ descobrir essa oculta Pessoa, aparentemente revelada.

Taxativa, a dedicatória da conhecida fotografia oferecida à sua tia Anica (datada de Janeiro de 1914, ano efervescente de actividade intelectual, anterior à publicação do *Orpheu*):

À sua muito querida tia, oferece esta minha **provisória** representação visível de si próprio, com um abraço tão grande como a sua [de quem?] desponderação, o seu sobrinho muito amigo, genial e obrigado, Fernando Pessoa.

Portanto, Jerónimo Pizarro pode interrogar-se (fazendo da pergunta o título de uma recolha anotada de escritos que publicou entre 2004 e 2012): “**Pessoa existe?**”<sup>22</sup>. e onde

---

<sup>20</sup>“Estou a escrever-lhe a respeito do] falecido Fernando António Nogueira Pessoa, que se pensa ter cometido suicídio; pelo menos fez explodir uma casa de campo onde se encontrava, tendo morrido ele e várias outras pessoas. Incumbiram-me de investigar o seu estado mental, tanto quanto isso seja ainda possível, e, sabendo que o falecido esteve consigo na Durban High School, venho pedir-lhe que me escreva, dizendo-me com franqueza como ele era considerado entre os rapazes da dita instituição. Que opinião tinham dele? Intelectualmente? Socialmente? Etc. Parecia ser ou não capaz de cometer um acto como aquele que descrevi?.. (Zénith, *Cartas*, ed. cit. p. 41)

<sup>21</sup> Idem, p. 437- 443. Para mais desenvolvido conhecimento sobre o assunto, consultar Pizarro, J. *Fernando Pessoa: entre génio e loucura*. Lisboa. INCM. 2007: 71 - 76

<sup>22</sup> Pizarro, J. *Pessoa existe?*, Lisboa: Ática. 2012.



explicita, a nível textual, a resposta, começando por lembrar Álvaro de Campos, no final do poema “Lisbon Revisited” de 1926<sup>23</sup>:

Outra vez te revejo,  
Mas, ai, a mim, não me revejo!  
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,  
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim –  
Um bocado de ti e de mim!...

Na fractura desse “espelho”, assenta Jerónimo Pizarro a impossibilidade da sua reconstituição por parte do editor, pois, se este o fizesse “tornar-se-ia culpado de reconstruir uma quimera: ‘um espelho mágico’, e acrescenta: “A fragmentariedade pessoana não é a de uma jarra partida; é uma fragmentariedade mais radical e profunda (...) **constitutiva**”, e é esta asserção que lhe permite responder (sem responder) à pergunta inicial:

- “Pessoa existe?
- (Existe) **Nos seus papéis, nos seus fragmentos**”.

De facto, todos esses papéis, todos esses fragmentos pertencendo, segundo Pizarro, a 136 “autores fictícios”<sup>24</sup> (como os designa) não podem, na sua diversidade criar uma unidade, constituir uma única autoria. São talvez apenas uma espécie de símbolo, no sentido primário de “regras de hospitalidade”, tal como eram concebidas na Grécia clássica, isto é, nele, os “hóspedes” provisórios não podem encontrar o seu “hospedeiro”, aquele que unificaria a escrita, que daria um só nome ao autor. Pelo contrário, o ser plural é uma espécie de *mise en abyme* da “Impossibilidade”: impossibilidade de encontrar a figura do homem, impossibilidade de encontrar o integral e uno sentido da obra, impossibilidade de encontrar “a outra metade

---

<sup>23</sup> Interessantemente, o mesmo Álvaro de Campos afirma noutro poema:

Começo a conhecer-me. Não existo  
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,  
Ou metade desse intervalo, porque também há vida... (“*Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Ática.1958: 123)

<sup>24</sup> José Paulo Cavalcanti Filho, descobriu 207 nomes (“uma verdadeira multidão”) que dividiu nas categorias seguintes: “a) os heterónimos propriamente ditos; b) o semi-heterónimo; c) o ortónimo; d) o quase-heterónimo; e) a personalidade literária; f) todos os nomes com que assinou textos; g) personagens da sua imaginação que, mesmo sem assinar textos, exerceram papéis de alguma importância na sua vida; h) aqueles para quem chegou a definir funções específicas na sua obra - mesmo não tendo escrito textos...”. Refere depois os que não considera, como os heterónimos de heterónimos, etc., etc. (*Fernando Pessoa – Uma quase-autobiografia*. Porto Editora. 212: 233)



integradora”, restando apenas o seu espectro frente àquela “máquina-de-destruição-do sujeito” de que falava Eduardo Prado Coelho<sup>25</sup>.

4. Talvez por isso, a palavra símbolo prolifera e dispersa-se no discurso, como desejo, não como interesse na concretização, multiplicando-se na sua afirmação e na sua recusa, já que todas as teofanias (como nos ensina Gilbert Durand) contêm em si uma tensão dialéctica<sup>26</sup>. Aqui, essa tensão começa pela própria constituição heteronímica, onde muitos vêem a representação simbólica da contradição estética, como é o caso de José Augusto Seabra<sup>27</sup>, ao considerar modelos diferenciados de referência, para cada um dos heterónimos (Horácio e Epicuro para Reis; Whitman e Marinetti para Campos; Cesário Verde e Pascoaes para Caeiro). Embora Álvaro de Campos, seja o mais heteróclito, em termos estéticos, evolutivos (simbolista/ futurista/ poeta do cansaço e da abulia), só o semi-heterónimo Bernardo Soares parece tentar conjugar no seu discurso parcelas de todos os não-eus (incluindo o ortónimo), mas fá-lo, numa teia de conjugações heteronímicas fragilmente ligadas que só conseguem documentar um “eu-postiço”, autêntica “catástrofe da autoria”<sup>28</sup>, ou, se quisermos, com o próprio Fernando Pessoa, “um fragmento de si, num museu abandonado” como afirma em carta a Fernandes Cortes-Rodrigues<sup>29</sup>.

Não só na criação dos outros **não-eus**, mas também na manifestação expressa desses “eus” no interior dos seus próprios discursos, a simbólica se introduz claramente, numa reiteração impressionante que cai, entre luzes e sombras, na espécie de messianismo /esoterismo que derrama na *Mensagem*, ou que com ele viaja, tacteando o visível em busca do invisível, prolongando esse “estádio gnóstico”, nas raízes templárias da iniciação, no idealismo judaico, na cabala (como expressamente manifesta no “Prefácio” a *Alma Errante* de Elieser Kamenezky)<sup>30</sup>, nessa espécie de revisão do mito de Fausto de Goethe, convertido, como afirma Eduardo Lourenço, “no Fausto de si

<sup>25</sup> Coelho, E. P., “Pessoa, Texto, Sujeito”, *Letra Litoral*. 1979

<sup>26</sup> Durand, Gilbert, *A Imaginação simbólica*. Lisboa, Arcádia. 1979: 132.

<sup>27</sup> Seabra, J. A. *O Heterotexto Pessoaano*. Lisboa, Dinalivro. 1985:19

<sup>28</sup> Como, lucidamente, aponta Gustavo Rubim, “Bernardo Soares não está mais próximo de Pessoa, como pessoa igual às outras pessoas, mas mais perto dessa *catástrofe da autoria*» inseparável da multiplicação de assinaturas que é o jogo heteronímico...” (“Livro, o Único, o Múltiplo, o Inexistente”, *Arte de Sublinhar*. Coimbra. Angelus Novus. 2003:48 (itálico nosso)

<sup>29</sup> Zénith, R. (Editor). *Cartas*. Lisboa, Assírio & Alvim. 2007:94

<sup>30</sup> In Quadros, A. *A Procura da Verdade Oculta – Testos filosóficos e esotéricos*. Publicações Europa – América.1989: pp. 188 - 196



mesmo” e, sobretudo, irradia, na sua distribuição poemática, onde, como diria Cassirer, “as estruturas verbais aparecem como entidades míticas, providas de determinados poderes míticos, e onde a Palavra se converte, de facto, numa espécie de potência primária, donde procede todo o ser e o acontecer”<sup>31</sup>. Palavra que se espraia numa espécie de coro, a várias vozes:

#### No Fausto

Ah! Tudo é símbolo e analogia  
O vento que passa, a noite que esfria  
São outra coisa que a noite e o vento –  
Sombras de vida e de pensamento...”<sup>32</sup>

#### Em Álvaro de Campos:

Símbolos. Tudo símbolos...  
Se calhar tudo é Símbolos...  
Serás tu um símbolo também? ...<sup>33</sup>

Mas esta afirmação do oculto, numa nova *coincidentia oppositorum* vai ser contrariada<sup>34</sup>, em negação quase absoluta, através das mesmas máscaras. Para além do contraditório Álvaro de Campos<sup>35</sup> (“Símbolos? Estou farto de símbolos...”) e, sobretudo, de Alberto Caeiro (o mestre potenciador de um quase “grau zero da escrita”), é altamente significativo o poema do próprio Pessoa, não por acaso intitulado “Contra-Símbolo”<sup>36</sup> que é, simultaneamente, uma contra-*Mensagem* e que começa:

Uma só luz sombreia o cais  
Há um som de barco que vai indo...

Para terminar.

...E no desdobre da memória  
O viajante indefinido  
Ouve contar-se só a História  
Do cais morto do barco ido.

<sup>31</sup> Cassirer, Ernest, *Linguagem, Mito e Religião*. Porto. Ed. Res. 1976:80

<sup>32</sup> “Fausto ou a Vertigem Ontológica”, Prefácio a *Fausto, Tragédia Subjectiva*, Edição de Teresa Sobral Cunha, Lisboa. Presença, 1988,p. XIII.

<sup>33</sup> “Psiquetipia (ou Psicotipia)”, *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa. Ática. 1958:294

<sup>34</sup> Não falando da mitificação /encenação do desaparecimento, na boca do Inferno, do misterioso Crowley, em 23 de Setembro de 1930...

<sup>35</sup> Para além da ligação (efémera) ao Futurismo, um exemplo flagrante, fora desse contexto: “Símbolos? Estou farto de símbolos...” (p.669 de 1934

<sup>36</sup> *Poesias Inéditas de Fernando Pessoa*, 1919-1930. Lisboa, Ática. 1963: 68



Por vezes, porém, o símbolo fixa-se em emblema, procurando reter a sua essência, fixando-o noutros símbolos que a prolongam. Assim acontece com o emblema da UFP que, não o declarando, fixa nele as linhas do ser, agora com biografia, e com a continuidade que o retém e projecta, não só no nome que é também a sombra de um caminho paralelo, mas igualmente na ideia de um Saber que coliga diferentes saberes; no respeito pelas Humanidades; numa sigla que é o seu *timbre*, sobre um *campo* que a prolonga e identifica, “nova et nove”, exigindo e transformando o novo, acompanhando a evolução e com ela se conjugando. (E também por isso, aqui nos reunimos, hoje, homenageando o patrono, na data do seu aniversário do nascimento)

5. Entretanto, continua e persevera a procura, na tentativa do Encontro Definitivo, não só na busca dentro da Arca (Arcas) quase sem fundo, como na multiplicação de outros olhares sobre o Poeta. Valerá a pena?

Diria com Pessoa, em ligeiro acrescento: Vale sempre a pena /se a alma não é pequena... mas, com o cuidado necessário em fixar os termos relativos (entre o leitor e o Poeta)<sup>37</sup>. No entanto, por outro lado, não podemos deixar de dizer: a escrita de Fernando Pessoa tem em si mesma, o gérmen da transformação e migração estático/dinâmicas, isto é, com Bernardo Soares, aquilo que permite “encontrar o Ganges na Rua dos Douradores” e, ao tê-lo em si, autoriza a expansão... dentro dos limites que o próprio Eco impôs, ou retransmitiu...

Saltá-los tem, de facto, uma aparência de libertação, mas também o perigo da (des) captura ou perda dos limites (dele e nossos) que José Gil (2010) tão bem transmitiu:

“Entrar em Pessoa é um perigo: eventualmente não mais de lá se sai. Recentemente, ainda com o fenómeno Pessoa a alastrar pela Europa e pelo mundo (...), quantas vezes se ouvia. Em congressos, colóquios ou conferências, alguém gritar: “Já basta de Pessoa!”. Textualmente, foi essa a exclamação de um filósofo francês, num colóquio, acrescentando, depois, para justificar as suas palavras: «É que se, não decidimos parar, nunca mais pararemos, seremos devorados!» (2010: 9).

“Pessoa não existe”, dizem os heterónimos e diz Pizarro. Ao não se deixar existir, e talvez por isso, força as pessoas, os artistas a criá-lo, de várias formas, sob vários formatos: **ganhando** outra figuração e possibilidades com as novas tecnologias;

---

<sup>37</sup> A experiência relativamente recente de Prolongar os Maia de Eça de Queirós (*Os Maia - Eça Agora*), na iniciativa do Expresso, e com aval de Carlos Reis, veio demonstrar o perigo da sobreinterpretação, e do caso de Cavalcanti, transfigurado em novo heterónimo, não irei falar...



**espraiando-se** em todas as artes (pintura, desenho, caricatura, teatro, cinema...), **irradiando** para outros campos, onde a banda desenhada ganha o seu espaço. Muitos blogues surgem, por vezes, com ideias interessantes, como o molho de “seres Pessoa”, empurrando e espezinhando, o ortónimo (na banda de Miguel Moreira e Catarina Verdier)... [texto disponibilizado]

Assim o tentou construir também Laura Pérez Verneti (que nos dá a honra de estar hoje aqui connosco), através de outros processos (ou outros “trânsitos”), nomeadamente:

▪ Colocando Pessoa, lúcida e previamente, numa espécie de firma de palavras e seres, dando outra forma ao título de Jorge de Sena: *Pessoa e C<sup>a</sup>* (Heteronímica, em Sena), geminando-o com Bernardo Soares... ; entrando, no universo da sua figuração /interpretação por sobreposição semiótica, onde a cor ganha a sua dimensão interpretante, jogando o escuro (ou a sombra) com a vida, e as cores fortes com a obra; interpretando, em inter-semiose , poemas de Ricardo Reis, Alberto Caeiro, Álvaro de Campos ou um texto de Bernardo Soares; tentando transformar o soturno Pessoa do chapéu e do cigarro, num estranho jovem de gravata vermelha e calças brancas, no mesmo fundo de casas asfixiantes, que recordam o monocórdico poema de Álvaro de Campos:

Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores...  
À força do diferente, isto é, monótono,  
Como à força de sentir, fico só a pensar...<sup>38</sup>

## 5. Concluindo:

Assim chegamos à cidade de Uruk. As tabuinhas de lápis –lazuli estão nas

vossas mãos, fragmentai-as, revolvei-as... se pensam terem encontrado a autêntica leitura, não deixem de a transmitir, mesmo embora sabendo que não há leitura acabada, nem leitura única possível.

---

<sup>38</sup> Poesias de Álvaro de Campos, p. 50



O material da sua arca visível e invisível, diria Manguel, “é suficiente para ocupar o leitor praticamente até a eternidade...” e isto sem encontrar, definitivamente, as tabuinhas suficientes para esgotar a história da sua escrita, porque à *l’écriture du désastre*<sup>39</sup> só pode corresponder, *la lecture du désastre*: olhando as ruínas, deixando ruínas...

Apesar de tudo, bendita escrita que obriga a todas as leituras... que consciente, intertextualmente ou intersemioticamente, se prolonga noutros símbolos, noutras artes, desenvolvendo e ampliando o seu destino de eternidade.

Pessoa será sempre, como diz Octávio Paz, a “eminência do desconhecido”<sup>40</sup>, mas contém também em si (e em nós), a ânsia de o agarrar...

---

<sup>39</sup> Blanchot, M. *L’écriture du désastre*, Paris, Galimard, 1985.

<sup>40</sup> “... E não aparece, o outro, o duplo, o verdadeiro Pessoa. Nunca aparecerá: não há outro. Aparece, insinua-se, o outro, o que não tem nome, o que não se diz e que as nossas pobres palavras invocam. É a poesia? Não: a poesia é o que fica e nos consola, *a consciência da ausência*. E de novo, quase imperceptivelmente, um rumor de algo: Pessoa, ou a eminência do desconhecido” (op. cit., p.42)